Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
Revista IDeAS – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade

Apresentação: O mundo não termina onde começa o fim: imaginários, temporalidades e invenções de mundos em tempos de crise

Presentation: The World Does Not End Where the End Begins: Imaginaries, Temporalities, and the Invention of Worlds in Times of Crisis

Rebeca Hennemann Vergara de Souza **Fabrina Furtado** **Caroline Boletta de Oliveira Aguiar** **José Claudivam da Silva**

Vivemos sob a recorrente sensação de que algo se aproxima do fim. Fala-se em crise, colapso, catástrofe e fim do mundo como se estivéssemos diante de um horizonte comum, compartilhado por toda a humanidade. Este dossiê parte, contudo, de uma inquietação anterior a qualquer diagnóstico de colapso: fim de qual ou de quais mundos? Para quem o "fim do mundo" constituiu uma ameaça? E o que acontece quando aquilo que é anunciado como futuro distópico já corresponde, para determinados sujeitos e coletividades, uma experiência histórica e presente?

Essas perguntas deslocam a discussão de uma narrativa temporalidade única e universal sobre o fim para uma análise das relações sociais que definem o que pode ser reconhecido como crise, catástrofe ou futuro. Falar em crise não significa apenas descrever uma ruptura. Significa também mobilizar determinados imaginários sobre o presente e sobre aquilo que poderá vir depois dele; significa produzir fronteiras entre o que deve ser preservado, transformado ou sacrificado. Do mesmo modo, imaginar o futuro nunca é uma operação neutra: envolve disputas sobre quais vidas, corpos, territórios, memórias e formas de existência podem permanecer e quais são tornados invisíveis, descartáveis ou impossíveis.

É nesse terreno que se encontram os debates sobre utopia, distopia e imaginários que atravessam os textos deste dossiê. Mais do que tomar essas categorias como definições estáveis, interessa-nos tensioná-las a partir das experiências e perspectivas reunidas aqui. A distopia, frequentemente situada em um futuro negativo marcado pela opressão, pelo controle ou pela decadência, pode ser, para determinados grupos, a própria experiência histórica do presente. A utopia, por sua vez, não precisa ser concebida como

uma sociedade ideal projetada para um futuro distante. Ela pode existir como prática, imaginação, memória, criação e sustentação da vida; como aquilo que se realiza no presente justamente onde a ordem dominante afirma que outras possibilidades não existem.

Essa deslocação permite também questionar a temporalidade linear que sustenta grande parte dos imaginários modernos sobre o futuro. O futuro, nessa perspectiva, deixa de ser necessariamente aquilo que vem depois e passa a poder ser produzido pela atualização da memória, da ancestralidade, da resistência, do cuidado, da criação e da continuidade de formas de vida historicamente desqualificadas. Imaginar outros mundos pode significar, portanto, não apenas projetar uma sociedade que ainda não existe, mas reconhecer mundos que existem, que foram interrompidos ou ameaçados e que continuam sendo produzidos e disputados.

Na literatura, as distopias foram popularizadas em obras de autores e autoras como Mary Shelley, Octavia Butler e Aldous Huxley. Entre essas duas polaridades, os imaginários operam como a capacidade de as sociedades elaborarem narrativas, imagens e símbolos que tornam o mundo compreensível e viabilizam projeções de futuros possíveis. Em circunstâncias de crise profunda, essa capacidade passa a operar sob novas condições, oferecendo visões que transcendem o fim pela (re)invenção ou pela (re)construção de novas realidades sociais. Sob essa perspectiva, imaginar outros futuros é também disputar os termos do presente.

Utopias e distopias são, no entanto, categorias geralmente protagonizadas por pessoas brancas a partir dos mesmos imaginários e cosmovisões ocidentais. Em contraponto a essa hegemonia, o movimento afrofuturista dá protagonismo a pessoas negras e resgata tradições, espiritualidades, tecnologias e ciências afrocentradas, narrando possibilidades para além do eurofuturismo (Kabral, 2018). Assim como a afrocentricidade implica uma perspectiva contra-hegemônica ao localizar os sujeitos africanos no centro de suas próprias narrativas (Asante, 1980), Antônio Bispo dos Santos (2023) ensina que contracolonizar é defender modos de vida diferentes do colonialismo, abrindo-se a perspectivas não lineares de tempo e rejeitando o olhar para o futuro que despreza as necessidades imediatas de construção da existência no presente (Munduruku, 2017).

A perspectiva contracolonial constitui, nesse sentido, uma das chaves de leitura que atravessam o dossiê. Ela não é tomada aqui como uma unidade teórica ou política homogênea, nem como uma categoria capaz de reunir experiências históricas, cosmologias e linguagens distintas sob uma mesma denominação. O que nos interessa é observar como diferentes sujeitos, coletividades e formas de conhecimento deslocam a narrativa única da modernidade acerca do tempo, do progresso, do desenvolvimento e do futuro. Esses deslocamentos aparecem de diferentes maneiras: na ancestralidade e na memória, na resistência territorial, na arte e na literatura, na espiritualidade,

no cuidado, na recusa de determinadas categorias e na invenção de outras formas de habitar e produzir mundos.

Essa perspectiva permite ainda perguntar não apenas *quem imagina o futuro*, *mas a partir de quais experiências*, *temporalidades e relações de poder determinados futuros se tornam imagináveis*. Afinal, a produção de futuros não se dá fora da história. Ela é atravessada por processos de colonização, racialização, exploração e expropriação, mas também por práticas de resistência, transmissão, reinvenção e continuidade. Os momentos de ruptura social, política e ambiental podem, assim, tornar mais visíveis disputas que já estavam presentes: disputas sobre quais mundos podem continuar existindo, quais formas de vida podem ser reconhecidas e quais conhecimentos podem participar da definição do que é possível.

É a partir dessa interlocução entre os debates contemporâneos sobre crises sociais, políticas, ambientais e climáticas e perspectivas que questionam a narrativa única sobre o fim e o futuro que os nove artigos deste dossiê foram selecionados e organizados. Em conjunto, eles não oferecem uma resposta única à pergunta sobre que mundo vem depois da crise. Em vez disso, permitem acompanhar diferentes formas de experimentar, nomear e responder a fins de mundo, bem como diferentes maneiras de produzir continuidade em meio à ruptura.

O percurso começa com "As abelhas não cabem no fim do mundo: política da ambiguidade e imaginários sociotécnicos", de Rebeca Hennemann Vergara de Souza, que toma o romance *A extinção das abelhas*, de Natalia Borges Polesso, como dispositivo de leitura do presente. Ao articular análise literária e sociologia da ciência e da técnica, o texto interroga o imaginário da catástrofe ecológica e da tecnossolução, deslocando a atenção para experiências de precarização, cuidado e resistência cotidiana. A extinção das abelhas aparece, assim, não apenas como anúncio de uma catástrofe futura, mas como possibilidade de questionar os modelos de produção e os imaginários que definem quais mundos devem ser preservados e quais podem ser sacrificados.

A pergunta sobre *quais mundos e quais corpos são produzidos como descartáveis em nome de determinados projetos de futuro* conduz aos dois textos seguintes, que examinam dispositivos coloniais ainda atuantes na produção de territórios e subjetividades. Em "Os novos vazios demográficos da Bancada Ruralista – a assimilação indígena do projeto de agromundo por meio da extensão da identidade transparente de produtor rural", Julia Dolce analisa como parlamentares da Frente Parlamentar da Agropecuária atualizam a ideia de "vazio demográfico" por meio do apagamento étnico-racial e do esvaziamento utilitarista de territorialidades indígenas. Ao compreender o agronegócio como produto de uma modernidade orientada pelo dispositivo cognitivo da *plantation*, o artigo evidencia como determinadas formas de produção territorial dependem da universalização de uma subjetividade

específica – a do produtor rural – e da desqualificação de outras formas de existência e relação com o território.

Em "Fratura animal como método do habitar colonial: um panorama da exportação de vidas-mercadorias com base nas conexões entre racismo e especismo", Akuenda Translésbicha Buarque de Souza articula a dupla fratura da modernidade proposta por Malcolm Ferdinand à crítica de Aph Ko e Syl Ko à categoria de "o animal" como elemento constitutivo da supremacia branca. Ao aproximar racismo e especismo, o artigo interroga a produção histórica de corpos concebidos como objetos e mercadorias e propõe uma reflexão sobre os limites da própria categoria "humano". Se o texto de Julia Dolce evidencia a produção colonial de territórios e subjetividades racializadas, este artigo amplia a questão para as fronteiras entre humano e não humano e para as formas de vida submetidas à mercantilização.

A partir dessas críticas aos dispositivos que produzem apagamentos e hierarquizam vidas, territórios e formas de existência, o dossiê se desloca para experiências que não apenas resistem à destruição de mundos, mas elaboram outras formas de habitá-los. Em "Renovando e experimentando mundos: retratos da contracolonialidade Kaiowá-Guarani", Augusto Ventura dos Santos recorre a cenas etnográficas provenientes da bibliografia e de sua pesquisa de campo para refletir sobre as relações dos Kaiowá-Guarani com a colonização e sobre experiências associadas ao chamado "fim do mundo". As situações apresentadas permitem deslocar essa expressão de uma abstração universal para uma experiência histórica situada, na qual destruição e renovação dos mundos não aparecem como momentos simplesmente sucessivos, mas como processos em tensão.

Esse deslocamento da temporalidade linear torna-se ainda mais explícito nos textos que abordam experiências afrodiaspóricas. Em "Afrofuturismo e a construção de um futuro ancestral: uma análise comparativa entre as experiências quilombola e capitalista", Danilo Santos e Kenia Kalyne Gomes de Almeida partem da organização cultural, social, política e econômica das comunidades quilombolas para confrontá-la com pressupostos da experiência capitalista. Ao mobilizar a ideia de tempo espiralar e uma metodologia de contradição histórica, o artigo propõe pensar o futuro coletivo a partir da diversidade, da solidariedade e da reciprocidade. O futuro deixa, assim, de ser necessariamente uma linha que conduz ao desconhecido: pode ser também retorno, atualização e reconfiguração da ancestralidade.

Em "Poesia afro-colombiana como narrativa histórica: memória, identidade e resistência em Lorena Torres Herrera", Debora Zoletti e Deise Ellen Caetano Maciel analisam os poemas *Atarrayando el olvido* e *Siempre presentes*, de Lorena Torres Herrera, como formas de elaboração da memória coletiva e de valorização de identidades afro-colombianas. A poesia aparece não apenas como expressão estética, mas como espaço de produção de memória, autodefinição e resistência, articulando experiências das comunidades negras

colombianas às relações com as águas do Pacífico e à herança da diáspora africana. Ao fazê-lo, o artigo também questiona quem pode narrar a história e quais experiências são reconhecidas como produtoras de conhecimento histórico.

A reflexão sobre memória, identidade e narrativa se desdobra, em outro registro, no texto "A esteira e o tempo no candomblé: uma proposta de imaginação contracolonial para redefinir categorias de pensamento", de Tassia Menezes Oliveira. A autora escreve a partir de sua experiência como integrante de um terreiro de candomblé no Rio de Janeiro e toma a esteira de palha, um objeto cotidiano dos rituais de matriz africana, como tecnologia de viagem no tempo, capaz de romper com a lógica da temporalidade linear. Em diálogo com Kindred: laços de sangue, de Octavia Butler, e com a crítica à lógica da *plantation*, o artigo mostra como um objeto historicamente associado à pobreza e ao atraso pode ser ressignificado como agente de memória, ancestralidade e soberania. Se a poesia de Lorena Torres Herrera narra a história a partir da palavra, a esteira de Tassia Menezes Oliveira narra a partir do corpo e do gesto cotidiano, propondo que imaginar outras categorias de pensamento é também uma forma de habitar o tempo de outro modo.

A questão dos mundos possíveis é então deslocada para o campo da saúde em "Exu-topia da saúde: saberes em encruzilhada e imaginários plurais em tempos de colapso", de Virgilio Magalde de Azevedo. O artigo desestabiliza o imaginário da racionalidade biomédica ocidental como promessa de salvação e controle, propondo, a partir da teoria do imaginário e das cosmologias afro-brasileiras, Exu como operador epistemológico e ontológico. A encruzilhada torna-se, nesse movimento, uma imagem e uma prática de pensamento que recusa totalidades, acolhe a ambiguidade e permite pensar uma pluriversalidade do cuidado fundada na coexistência de saberes, mundos e formas de viver, adoecer e cuidar.

Por fim, "Monstruosidade punk: utopias Contra o Sistema", de Yasmin D. D'Avila e Yanaê Meinhardt, reivindica a monstruosidade *punk* como micropolítica e paradigma ético-estético-político diante da modernidade. Partindo do *slogan* "Contra o Sistema", das letras e documentários *punks* e da experiência das próprias autoras, o artigo formula uma contracolonialidade que se expressa na recusa das políticas de normalização e na criação de outras possibilidades de ocupar a cidade, habitar o cosmos e dar continuidade à vida. Não por acaso, é o texto que explicita mais diretamente a utopia como horizonte, encerrando o percurso do dossiê não com uma solução para a crise, mas com a abertura de possibilidades de existência que desafiam aquilo que se apresenta como inevitável.

Os nove artigos reunidos aqui não compõem, portanto, uma teoria única da utopia, da distopia ou do futuro. Tampouco partem de uma mesma experiência histórica ou de um mesmo repertório conceitual. O que os aproxima é a possibilidade de interrogar as condições que fazem determinados

futuros parecerem possíveis e outros impossíveis; determinados mundos, preserváveis, e outros, sacrificáveis; determinadas formas de conhecimento, legítimas, e outras, desqualificadas.

O dossiê convida, assim, a deslocar a pergunta sobre *o que virá depois do fim* para uma questão talvez mais fundamental: *quais mundos já estão sendo destruídos, quais continuam sendo sustentados e quais estão sendo inventados em meio à crise?* Esse deslocamento também modifica o sentido de imaginar. Imaginar não é necessariamente antecipar um futuro distante. Pode ser recordar, atualizar, criar, resistir, cuidar e experimentar no presente. Pode ser tornar novamente possível aquilo que uma determinada ordem histórica declarou impossível.

Talvez seja justamente nessa multiplicidade de temporalidades, experiências e formas de existência que resida a potência contracolonial dos imaginários aqui reunidos. Não na promessa de um único futuro capaz de substituir o presente, mas na possibilidade de reconhecer que diferentes mundos coexistem, entram em conflito, são interrompidos, resistem e se refazem. Se todo fim é também uma disputa sobre aquilo que pode permanecer, imaginar outros mundos é disputar, igualmente, quais vidas, memórias, corpos, territórios, saberes e formas de existência poderão continuar.

É nesse sentido que este dossiê propõe deslocar o olhar do *fim como destino* para os *começos que já estão em curso*.

Referências

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricity**: the Theory of Social Chance. Buffalo: Amulefi, 1980.

KABRAL, Fábio. Afrofuturismo: ensaios sobre narrativas, definições, mitologia e heroísmo. **Medium**, 2018. Disponível em: https://medium.com/@ka_bral/afrofuturismo-ensaios-sobre-narrativas-defini%C3%A7%C3%B5es-mitologia-e-hero%C3%ADsmo-1c28967c2485. Acesso em: 23 set. 2026.

MUNDURUKU, Daniel. Tempo, tempo, tempo. **Histórias Indígenas**, 15 ago. 2017. Disponível em: https://historiasindigenas.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/08/3-daniel-munduruku.pdf. Acesso em: 23 set. 2026.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu/Piseagrama, 2023.

Rebeca Hennemann Vergara de Souza
Rebeca Hennemann é cientista social, professora da Universidade Estadual do Piauí (Uespi) e doutoranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). Mestra em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

E-mail: rebeca@cpm.uespi.br
Lattes: http://lattes.cnpq.br/9219587149503467
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8827-4393

Fabrina Furtado
Fabrina Furtado é professora do Departamento de Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (DDAS/UFRRJ) e do Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) da mesma universidade, e pesquisadora do Laboratório Estado, Trabalho, Território e Natureza do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ettern/Ippur/UFRJ) e do Gemap – Grupo de Estudos sobre Mudanças Sociais, Agronegócio e Políticas Públicas (CPDA/UFRRJ). Possui Doutorado em Planejamento Urbano e Regional pelo Ippur/UFRJ, mestrado em Economia Política Internacional pela Universidade de Warwick, Inglaterra, especialização em Ecologia Política e Desenvolvimento Rural e graduação em Economia e Relações Internacionais pela Universidade de Reading, Inglaterra.

E-mail: f.furtado7@gmail.com
Lattes: http://lattes.cnpq.br/4846810255386758
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7737-9942

Caroline Boletta de Oliveira Aguiar
Caroline Boletta de Oliveira Aguiar é doutoranda e mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ), e bacharel em Relações Internacionais pela UFRRJ. É integrante do Coletivo de Pesquisa Desigualdade Ambiental, Economia e Política e do ROÇA.

E-mail: carolboletta@gmail.com
Lattes: http://lattes.cnpq.br/2888908404589593
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0267-7715

José Claudivam da Silva
José Claudivam da Silva é cientista social. Mestre e doutorando em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ). pesquisador do Núcleo de Pesquisa e Extensão JUREMA/UFRPE.

E-mail: jclaudivamsilva@hotmail.com
Lattes: http://lattes.cnpq.br/3220348197593152
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8109-2530